



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT MITO, IMAGEM E CENA - DRAMATURGIA EXPANDIDA NAS
ESTÉTICAS DESCOLONIAIS

O CARNAVAL E O TERREIRO: O SAGRADO FESTIVO NA CONSTRUÇÃO DRAMATÚRGICA DE “TRÊS MULHERES DE XANGÔ

PAULO EDUARDO CECCONELLO, GRÁCIA NAVARRO

Zora Seljan é uma das poucas dramaturgas presentes na história do teatro brasileiro. Apresentamos a peça “Três mulheres de Xangô” fruto de seu trabalho, que primava em descortinar as tradições mitológicas africanas estabelecidas nas liturgias cerimoniais do candomblé.

PALAVRAS-CHAVES: Zora Seljan: dramaturgia: Candomblé:

RESUMEM

Zora Seljan es uno de los pocos autores presentes en la historia del teatro brasileño. Aquí está la obra "Tres mujeres de Xango" fruto de su trabajo, que se destacan en las tradiciones mitológicas africanas revelando establecidos en las liturgias ceremonias de Candomblé.

PALABRAS-CLAVES: Zora Seljan: dramaturgia: Candomblé

ABSTRACT

Zora Seljan is one of the few playwrights present in the history of Brazilian theater. Here is the play "Three women of Xango" fruit of his work, which excel in unveiling African mythological traditions established in the liturgies ceremonies of Candomblé.

KEYWORDS: Zora Seljan: dramaturgy: Candomblé

- 2985 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

A benção a todas e todos! (É deste modo que os filhos de santo se apresentam nos terreiros).

São poucas as mulheres que enveredaram seu trabalho na literatura dramática, um universo quase dominado pelos homens, porém, Zora Seljan galgou seu espaço como grande dramaturga.

Pioneira, suas peças tratam sobre temas que rodeiam a cultura afro-brasileira, o universo mítico dos orixás e a realidade dos descendentes de negros africanos no Brasil.

Ao buscarmos informações sobre sua biografia e sobre sua produção dramática, descobrimos pouquíssimas referências. Investigamos o mundo virtual da *Internet* e encontramos os dois pilares fundamentais que compõem referências bibliográficas para nosso trabalho. O primeiro é uma entrevista que Seljan concedeu ao jornal “Cruzeiro da Manhã” intitulada de “A Terra da Lenda Fascina Zora”, publicada em primeiro de dezembro de 1963, e a segunda, uma página, uma comunidade do *Facebook*, com apenas dezessete curtidas, criada pelo seu neto, Daniel Braga, a qual contribui com informações importantíssimas sobre nossa dramaturga desconhecida por grande parte do público brasileiro.

A dramaturga Zora Seljan nasceu na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, em sete de dezembro de 1918, filha de pai croata, o engenheiro Stevo Seljan, e mãe mineira, a professora Aracy Lessa Seljan. Iniciou seus estudos ainda em Ouro Preto. Foi no ginásio mineiro que Zora começou a se interessar por jornalismo e a experimentar a literatura. Flertou com a poesia, mas a abandonou. Mudou-se para Belo Horizonte, onde cursou magistério. Nesse período aproximou-se de um grupo de jovens escritores, como Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Rubem Braga, com

- 2986 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

quem se casou. O casal residiu no Rio de Janeiro e em São Paulo e teve um filho.

Nesse período, Zora ligou-se aos ideais de esquerda, influenciada por amigos como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Candido Portinari. Chegou a ser presa pelo DOPS. Após a Segunda Guerra Mundial, Zora separou-se de Braga e mudou-se para a Europa. Esteve nos países da cortina de ferro, os que compunham a antiga União Soviética, como Rússia, Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Estônia, Geórgia, Cazaquistão, Lituânia, Letônia, Moldávia, Ucrânia e os estados-satélites, Alemanha Oriental, Polônia, a ainda Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária e Romênia.

Também conheceu líderes de países africanos e, quando voltou ao Brasil, publicou o primeiro livro sobre a temática do pós-guerra em território nacional com o título “Eu vi as Democracias Populares”. Trouxe consigo a enorme importância que os países recém-criados davam ao folclore, assim passando a se interessar definitivamente por esse tema dentro da esfera cultural brasileira.

Mudou-se para a Bahia, e iniciou seus estudos sobre candomblé e a diáspora africana. Em 1955, conheceu seu segundo marido, Antônio Olinto. Começou a colher material e inaugurou sua obra dramaturgica com inspiração na cultura afro-brasileira. Em 1958 publicou a trilogia “Três Mulheres de Xangô”, contribuindo para a visibilidade da religiosidade negra no Brasil.

Na década de 60, viveu com Olinto na Nigéria, onde ele foi embaixador, e pôde confrontar as influências culturais africanas que o Brasil experimentou após o tráfico transatlântico. De volta ao Brasil, fundou o Conjunto folclórico Oxumaré e passou a ocupar um solene cargo religioso na casa de candomblé *Ilê Opô Afonjá* em Salvador.

Seu teatro foi muito importante para a divulgação da cultura iorubana em território nacional e internacional. Publicou outras obras sob esta temática,

- 2987 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

como: “Festa do Bonfim”, “História de Oxalá”, “Iemanjá e suas lendas”, “Iemanjá, mãe dos Orixás”, “Exu, Cavaleiro da Encruzilhada”, obra traduzida para inglês. Morreu em 26 de abril, no Rio de Janeiro, deixando um legado importante sobre a cultura afro-brasileira. “Como se vê, os caminhos propostos por Zora Seljan ainda estão à espera de uma grande divulgação e projetos à altura de sua importância para nós, brasileiros.”(COELHO, 2006).

Para a dramaturga Zora Seljan, a fonte festiva de inspiração para sua obra é a mitologia iorubana. Sendo assim, no culto aos orixás, encontramos um mito que destaca Olodumarê, como o deus supremo, o senhor do mundo, e que está no *Orum* (céu) longe demais do *Ayê* (terra) para se diligenciar pela humanidade, porém, repleto de benevolência, criou entidades sagradas com a incumbência de gerar e reger o mundo, foi conferindo a elas poderes mágicos e domínios sobre todos os elementos naturais (água, fogo, terra, ar, pedras, metais), abrangendo suas manifestações (os rios, as cachoeiras, o mar, o vento, a lama, o trovão, o raio, a chuva, o arco-íris), incluindo os reinos vegetais e animais. Os orixás ainda são responsáveis por todas as etapas da vida humana, como o nascimento, o crescimento, as atividades sexuais, as enfermidades e a morte (PRANDI, 2001).

Esses seres sagrados, os orixás, são forças vívidas que se manifestam no tempo presente, simbolizam o despertar para a atemporalidade das virtudes humanas, os únicos a interceder nos anos de escravidão pela vida dos negros, órfãos de terra e liberdade.

Os orixás possuem características definidas, arquétipos com particularidades que lhes asseguram campos de atuações no plano terreno. São deuses cheios de vivacidade, com predileções e ascos, nem bons nem maus, mandatários de poderes que podem ser invocados através do conhecimento ancestral pelos que rogam por auxílio. Podemos ressaltar as considerações de Martins (2008, p.28):



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Assim, o Candomblé exercita o equilíbrio e a harmonia com os elementos naturais do Universo. Cada Orixá representa suas qualidades específicas e próprias da sua história ancestral através dos seus atributos, da sua dança, da sua música, da sua indumentária, das suas folhas, da sua comida, das suas cores, dos seus símbolos e de suas contas.

Desse modo, a dramaturgia de Zora Seljan descortina as divindades iorubanas, suas páginas cinzelam um universo onírico e cheio de magia. O interesse de seu trabalho não é simplesmente representar as festas de santo realizadas nos terreiros em cada canto do Brasil: o palco das cenas criadas por Zora se desenrola “*no inconsciente mítico do povo*” (SELJAN, 1958, p.15), no desejo de desvendar a tradição ancestral africana, de como ele, ampliando e aguçando seus sentidos, expande sua condição humana para se fundir com a natureza.

Assim, tal sacralidade é a marca sobre a qual se edifica o comportamento religioso dos fieis aos orixás, reflete o fascínio que a divindade conjura nos mortais, é um poder que não se define, uma força sobrenatural e descomedida, pujante além da imaginação, alça qualquer um para fora da razão. Tal desconhecimento fascina e inebria, é foco de respeito, veneração. Desse jeito, o culto sagrado aos orixás carrega de validade simbólica gestos, pessoas, espaços e tempos, considerados intercessores para o encontro com o divino. No candomblé as ações rituais são os arbítrios para a realização do sagrado, é por eles que o crente acredita manter comunhão com a divindade, pois o homem coloca sua dependência no sagrado para poder superar suas limitações.

É com o batuque dos atabaques, ao som do *agogô*, entoando cânticos em línguas antigas e rodopiando, no frenesi do transe, que a ligação com o sagrado se realiza em uma cerimônia de culto aos orixás. Assim, mergulhar no

- 2989 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

universo da religiosidade afro-brasileira será sempre um caminho encantado por símbolos, ritos, vestimentas, danças, músicas, comida e muita alegria.

A arte e a cultura, influenciadas pela ancestralidade africana, refletem a congregação dos saberes necessários para o equilíbrio entre o homem e a natureza, transformando o conhecimento primal, ou arquetípico, em sagrado, aglutinando o passado e o presente, unido grupos sociais, produzindo conhecimentos nos campos ético, estético, filosófico e religioso, traduzindo as experiências materiais concretas em campos simbólicos e expressões artísticas.

Como ressalta Silva e Calaça (2006), esteticamente a arte ancestral africana expressa-se na cotidianidade, na pintura, na escultura, na dança, ou em qualquer linguagem artística, resultam transbordamentos de aspectos ordinários. Assim, ao se materializarem em arte, passam a ser fonte inesgotável da tradição e da cultura, afirmando e reafirmando, interpretando e reinterpretando as regras estabelecidas de comportamento e agrupamento social.

Contudo, como observa Nascimento (2006, p.40),

Nessa volta às fontes originárias da arte africana, não tenciono cometer o suicídio de um regresso histórico. Não advogo a reprodução de uma forma existencial pretérita. Meus orixás estão longe de configurarem deuses arcaicos, petrificados no tempo e no espaço do folclore ou perdidos nas estratosferas da especulação teórica de cunho acadêmico. São presenças vivas e viventes. Habitam tanto a África como o Brasil e todas as Américas, no presente, e não nos séculos dos mortos. Surgem na

- 2990 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

vida cotidiana e nos assuntos seculares, legados pela história e pelos ancestrais. [...].

Nesse contexto, e no que diz respeito à especificidade da dança originária dessa tradição, podemos entendê-la associada à origem, cultura e a história de um povo. Ela aparece como algo representativo de seus mitos, com movimentos executados na finalidade de sacralizar a relação estabelecida entre o homem e seus deuses, sendo postuladora da fé. Nesse cenário, o intuito é de afirmar uma religiosidade, louvando, agradecendo, enaltecendo, saudando. E o corpo e seus movimentos se organizam como parte da experiência litúrgica.

Essa noção estético-religiosa chegou ao Brasil, junto dos grilhões que prendiam os negros escravizados das mais diferentes regiões africanas, pois, como observa Verger (2000, p.20), “[O] tráfico dos negros, cujos braços iriam substituir os dos índios [...]” tornou-se o ponto de ligação entre a nova terra inóspita e a ancestralidade deixada além-mar.

Ainda de acordo com Verger (2000), aliados ou inimigos, a infelicidade do convívio em cativeiro forçou os escravos a organizar hábitos comuns. Nesse sentido, deuses que eram superiores para alguns não tinham o mesmo respeito para outros, mas passaram a fazer parte de uma reorganização que deu nova forma aos conhecimentos trazidos da África. Assim, os dominadores brancos não puderam impedir a realização dos batuques das casas de santo ou terreiro, aceitando a realização dos rituais religiosos. Nesse novo contexto, negros de diversas regiões da África tiveram que se “reagrupar” e permitir a multiplicidade de culto às diversas divindades dentro do mesmo espaço físico. “A adversa condição compartilhada da escravidão e a comunalidade de orientações cognitivas africanas teriam levado os negros a uma solidariedade interétnica de caráter ‘pan-africanista’.” (PARÉS, 2007; p. 126)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Envolta nas conjunções estéticas e éticas religiosas do universo iorubano, em 1958, compilando seu trabalho no desejo de divulgar ao público suas pesquisas no continente africano e enaltecer a ancestralidade negra que compõe a identidade e a cultura brasileira, Seljan publicou a peça “Três mulheres de Xangô”, reeditada em 1978 com outras peças inéditas, mas sob o mesmo título.

Nessas peças, a autora se preocupa em criar um capítulo introdutório meticulosamente detalhado, caracterizando exatamente como a montagem teatral deverá ser executada e elucidando a natureza de cada personagem, suas características físicas e emocionais, cada dança, música e cenários atribuídos a eles.

Dessa forma, pelas propostas da autora, podemos analisar sua dramaturgia através de elementos nutridos de uma “força criadora, cultura folclórica, sensibilidade musical, coreográfica e plástica” (SELJAN, 1958, p.10), que ultrapassam as palavras escritas e evocam a cultura ancestral africana.

Assim, em “Três mulheres de Xangô” a autora reuniu três peças que se enveredam pelo universo das *Yabás*: Oxum, Iansan e Obá, orixás femininas que, como indica o título da peça, foram desposadas pelo orixá da justiça. A dramaturga nomeou as peças assim: “Oxum Abalô”, “Iansan, a mulher de Xangô” e “Orelha de Obá”.

“Meus personagens são deuses que se manifestam dançando. Não somente a palavra, também a música e os bailados são indispensáveis à ação dramática da ‘Oxum Abalô’ (deusa ‘que brinca com o leque’) (...) Que se veja, no ‘machado de Xangô’, por exemplo, não apenas uma lasca de pedra, mas a origem do fogo, o símbolo dos trovões” (SELJAN, 1958, p.10).

- 2992 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

As personagens dessas peças são mulheres marcantes, elas enfrentaram o mundo pela existência do feminino em singularidade, três mulheres, três guerreiras, três amantes, três esposas... Que avançam sobre poderes pré-estabelecido.

Não obstante, o feminino como tema esta presente nas narrativas ao longo da história da humanidade, ele sempre retorna com formatos novos, é imprescindivelmente constante, recorrente, suscita novas buscas sobre as representações mitológicas das feminilidades como arquétipos. Pois, as imagens arquetípicas (JUNG, 1985b) representam as manifestações do inconsciente coletivo, sua natureza é constitutiva através dos motivos mitológicos arcaicos, e por serem primordialmente umbrátil repete-se nos tempos e culturas produzidas pela humanidade. Deste modo, temos a presença das *Yabás* mitológicas nos textos de Zora Seljan.

Assim, ao desenvolver sua obra, Seljan remonta tais imagens arquetípicas, revelando os elementos estruturais e formadores do inconsciente que dão origem tanto às fantasias individuais quanto às mitologias de um povo, ou seja, as imagens ou motivos mitológicos que representam os arquétipos (JUNG, 1985a). Frequentemente as bases arquetípicas correspondem a temas mitológicos presentes em contos e lendas populares de épocas e culturas diferentes, permitindo “uma possibilidade de representação de figuras que reaparecem no decorrer da história, sempre que a imaginação criativa for livremente expressa” (BRENTAN, 2009, p. 51).

Portanto, o arquétipo representa em sua essência o conteúdo inconsciente, porém ele se modifica através de sua conscientização e percepção, caracterizando matrizes que variam de acordo com cada consciência individual que se manifesta (JUNG, 1985a). Com linguagem própria de seu momento, o artista, pode acessar as estruturas inatas que servem como modelo para a expressão e desenvolvimento da psique, ou seja, o arquétipo.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Este é o ponto que temos a significação social da obra de arte, reafirmando no tempo presente as necessidades aprendidas com o passado. Trabalhando assim o espírito da época na busca da imagem primitiva, obtendo respostas para uma insatisfação atual. Portanto, a obra de arte representa uma “autorregulação espiritual” dentro das esferas sociais no qual ele está inserido (JUNG, 1985b). Quando invocado esse estado criativo provocado pelas imagens primordiais ou arquetípicas, deparamo-nos com uma força emocional muito intensa, pois com ela vem à tona toda experiência humana armazenada desde os primórdios, deixando de ser um para serem todos, para sermos uma unidade. “Em tais momentos em que se é tocado por estas imagens, não somos mais indivíduos, mas uma espécie, pois a voz de toda a humanidade ressoa em nós” (JUNG, 1985b).

Desta forma, em “Oxum Abalô” a primeira peça da trilogia “Três mulheres de Xangô”, Oxum serve como medida para a personificação do feminino, ela origina-se do símbolo da fecundidade, é a senhora que se dedica a manutenção da fertilidade em cada ser humano. Protetora dos casamentos. A mais bela entre as belas. Oxum é a própria menstruação, ela ostenta suas “regras”, se em algum momento elas representaram vergonha ou inferioridade nas mulheres, ela exalta-a como o real poder feminino, ela proclama sua capacidade de gerar filhos. Oxum é a abundância, a fartura em essência, contribui também para a opulência da humanidade no campo das ideias estimulando sua criatividade possibilitando seu desenvolvimento. Dona da riqueza, senhora do ouro. Alegre e risonha, rica de dengos, muito inteligente e ardilosa, menina, mulher e sábia, generosa e compassiva, nunca exacerbada.

Oxum é elegante, adornada por joias, soberana que nada rejeita e tudo oferta. Encarna o amor, a mansidão atraente, a sedução irremissível. Todos querem saborear seu gosto doce, de seu encanto e para isso oferecem perfumes, adornos para fartar sua vaidade.

- 2994 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

[...] *Entram a Ebomim e a Iaô carregando uma bacia fantástica, dentro da qual trazem duas cestas com pétalas de rosas e um tapete enrolado.*

Elas colocam a bacia no chão, desenrolando o tapeta, apanham as cestas e se ajoelham ao lado das Iaôs de Oxum, enquanto as duas filhas cantam.

Entra equede, com um vidro de perfume, finge que joga na bacia e ajoelha-se depois. Entram a Dagã e a Sidagã carregando vasos, fingem que jogam na bacia e se ajoelham junto de Oxum, uma de cada lado. Enquanto isto, só os atabaques tocam.

Entram: filha 1 carregando vestido, filha 2 uma toalha rendada, filha 3 uma cesta de objetos de toilette, filha 4 outra cesta com joias. elas dançam mostrando a oxum suas prendas. As duas filhas cantam.

Oxum aprova a escolha das prendas coma cabeça e levanta-se. A Dagã apanha sua escova de cabelos, a Sidagã o espelho de mão. Oxum dança por todo o palco, acompanhada pelas duas olhando-se no espelho e escovando os cabelos. (ibidem, 1958, p. 43 e 44 grifos da autora)

Orixá da beleza utiliza-se da astúcia e do chame para apoderar-se dos prazeres da vida, apaixonada pelo poder e pela sumptuosidade da fortuna, Oxum com ânsia busca por conseguir seus quereres, enfrentando todos que por ventura atrapalhassem seu caminho. Seu completo desejo é ser amada, a mais reverenciada. Exerce respeitável papel no jogo de búzios, pois é Oxum quem formula as perguntas que Exu irá responder.

Dessa maneira, Zora Seljan começa a peça, que é dividida em três atos, retomando a uma lenda que compõe o vasto conjunto de mitos que são atribuídos a Oxum, ela se sente abandonada pelo primeiro marido, senhor das



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

matas, Oxóssi, que se ocupava muito caçando e não a prestigiava com a atenção que lhe achava necessária. Após um trato feito com Exu, para que o orixá mensageiro mantivesse seu marido Oxóssi para longe com sua caçada, para que a senhora do Ouro recebesse sozinha a visita de um rei vindouro de outros domínios, o rei Xangô.

“OXUM – Não zombes, Exu. Queres alguma coisa?

EXU – tive uma ideia...

OXUM – qual foi?

EXU – Oxóssi e precisa levar uma lição

OXUM – Dizes bem, mas o que posso fazer?

EXU – Ele não foi buscar um carneiro?

OXUM – Foi.

EXÚ – Se quiseres, toco o rebanho para mais longe.

OXUM – O que ganho com isso?

EXU – Assim receberás Xangô... A Honra da festa caberá somente a ti. Dirão que és uma grande rainha, que tua casa é magnífica e que Oxóssi é... um selvagem...”

(ibidem, 1958, p.42)

Oxum adora aventuras, torna-se guerreira para enfrentar sua sorte, determinada, usa de malícia para iludir seus inimigos e doçura para com seus amigos. Oxum é acima de tudo a divindade do amor, elimina qualquer concorrência, pois todas as atenções são para ela. Nas artimanhas amorosas ninguém consegue ser melhor que Oxum. Ela se rende totalmente ao seu amado quando apaixonada, nutre-se de romantismo.

De volta à peça, após a chegada de Xangô, que faz sua visita no intuito de convocar a todos para lutarem contra invasores em seu reino, Oxum, lhe oferece um farto jantar com todas as especiarias que o grande senhor do trovão aprecia, ambos vão dormir, pois ela está sempre preocupada com o conforto das pessoas que a cerca, querendo atender a suas necessidades. Um

- 2996 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

quarto é separado há Xangô que prefere dormir nos pés da cama de Oxum. Pois, a graça e as boas maneiras são suas particularidades, é muito dedicada ao próximo. Não resiste ao ardor da paixão e então vai embora com Xangô, abandonando seu reino e seu marido. Oxum dedica-se na buscar ao prazer.

“OXUM – Em cada espelho vejo outro rosto. Neste, bem triste, naquele, alegre. Danço graciosa... balanço o corpo... meus olhos brilham, tremem os lábios... sou a noiva que vai casar... Um passo à frente e me transformo. Eis a rainha de olhar sereno e face altiva! Gosto de me olhar nestes espelhos quando todos dormem. O luxo realça a beleza e o silêncio a enobrece. Em casa de Oxosse era tudo rústico... Ah, caçador descuidado, perdeste para sempre a tua ovelhinha” (ibidem, 1958, p.55)

Após a chegada de Oxum ao reino de Xangô, a deusa do ouro convence sua irmã Iansã a se tornar também esposa do senhor do trovão. A luta contra os invasores se intensifica todos vão para guerra e Oxum se nega, pois ela é um dos poucos orixás que não se interessa por guerrear, porém, ela é convencida por Exu a lutar ao lado de seu novo marido juntamente com seu séquito. O inimigo é vencido, e uma grande festa se instaura para a honra dos deuses iorubanos, a peça termina recheada de muita música e muita dança.

Oxum é a mais bela do panteão Afro-brasileiro, no candomblé dança segurando em uma das mãos um espelho, o *abebé*, em sua dança mítica ela se banha nas águas dos rios, penteia seus longos cabelos, adorna-se com suas magníficas joias, seduzindo a todos com movimentos lentos e provocantes.

Agora, Iansã não é uma mulher passiva. Ela luta! Luta com as armas que têm disponíveis, seja sua espada de bronze, seja com sua sexualidade. Ela se

- 2997 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

constitui de seus “sábios” instintos, ela é visceral. Ela sabe que causará reações a cada palavra que profere. Enlouque e se faz enlouquecer quando tem um desejo não realizado. Como suas paixões são permanentemente intensas, assemelha-se a vulcões a explodir. É a deusa da espada de fogo, senhora das paixões, rainha dos raios, é uma orixá ligada ao fogo.

Ela é a própria ventania, ou a brisa que alivia o calor, sabe ser intensa e mansa, Oyá, o outro nome atribuído a Iansan, é a beleza do raio reluzindo no céu tempestuoso, é a eletricidade, enérgica, pulsante, vibrátil. Deusa dos deslocamentos coloca tudo em movimento, é desaforada, provocadora e muito ciumenta. Iansan é feita de paixões violentas, daquelas que come a vida dos que sofrem de amor, gera delírios, enlouquece de desejo sexual. É o gozo. Ela é o anseio impulsivo, o desejo impetuoso que tripudia da razão, o encanto adoidado, a inveja deleitável, ela é o sinônimo de paixão.

Iansan é o jogo de sedução. É a suspensão do medo no campo de batalha entre desejo e a sensatez. O alvitre da traição, o querer amar livremente. Em, “Iansan – mulher de Xangô”, a segunda peça, publicada juntamente com “Oxum Abalô”, dividida também em três atos por Zora Seljan, já nas primeiras ações da peça o animal Carneiro (mitologicamente, tem repulsa do animal carneiro que lhe traz mau agouro e *quizila*, brigas) esta contanto para os humanos que os orixás estão reunidos em conselho, todos eles representando os reinos, do ar, da terra, das águas e do fogo. Deste conselho, Iansan sai enraivecida, foi ofendida, estão fazendo julgamentos morais sobre seu comportamento inclusive o sexual. Dona de seus desejos, ela não se arrepende de seus atos: só não quer que suas aventuras caiam na boca de todos e nem nos ouvidos de seu marido Xangô, e por este motivo vai descontar sua ira em toda a humanidade.

“Vulto de IANSAN – A honra de Iansan foi manchada. Os homens espalharam histórias infames a meu respeito. Ai deles! Desvirtuaram minha gloria, amesquinharam meus

- 2998 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

poderes, fazendo-me padroeira de degenerados e canalhas que infestam os terreiros.” (ibidem, 1958, p. 145)

Retornando a peça, Sua luta se vira também contra seu esposo Xangô, que não a protegeu das severas críticas que seu comportamento recebeu, evoca os *Eguns* para compor seu exército contra todos os pernósticos que ousam confrontar seu poder.

Oyá é mãe de todos os *Eguns* (espírito desencarnados), ela conduzirá todas as almas que se soltaram do corpo físico para o outro mundo. Divide junto com *Obaluaê* (Orixá da cura) o domínio dos campos santos, os cemitérios, como deusa dos mortos, *lansã* leva em sua posse um *eruxin*, instrumento feito de rabo de cavalo, no qual ela braceja no ar para firmar o respeito sobre os *Eguns*.

“IANSAN – Fui derrotada no conselho dos Orixás, mas hei de vencer minha demanda. Ah Xangô, meu esposo! Tu não me apoiaste! Estás fugindo de mim! Não queres me ouvir! Eu luto de peito aberto, pois não receio a força nem me deixo intimidar. Vem prender o Martim Pescador, se és capaz!

(Gritando) Xangô! Xangô! lansan te desafia no céu e na terra!” (ibidem, 1958, p. 148)

A rivalidade entre lansan e Xangô já esta tramada, exércitos a posto para o início do confronto, de um lado a dignidade da lógica feminina e do outro a obstinação masculina, porém o senhor do trovão pede pela interseção do grande Senhor Branco, Oxalá, senhor de todo o panteão iorubano, o mais velho e o mais sábio, que acalme o incêndio que lansã esta provocando no mundo e o faça a mudar de ideia, e com toda a calma que é reservada ao grande ancião ele consegue reverter à situação.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

OXALÁ – Aproxima-te. Dá-me teu manto e solta os cabelos. (Iansan entrega-lhe o manto, a espada e o capacete) Pronto! Estás linda e já podes fazer o gesto da bonança, porque a tormenta não casa com a beleza.

IANSAN – Assim seja! (Acena para longe sorrindo)

OXALÁ – Teu esposo dorme naquela colina. Ao chegares perto dele a brisa fará oscilar de leve as pétalas das rosas que as iaôs te ofertaram. Relembra as glórias e os amores passados. Xangô acompanhará em sonhos teu pensamento. Quando ele acordar, tem cuidado, não espantes o carinho.

IANSAN – Obrigado, meu pai! (beija-lhe a face)

OXALÁ – (levantando-se) – Vai e se feliz. (Sai) (ibidem, 1958, p. 152).

A figura de Iansan não se envolve com as outras protagonistas femininas do panteão mitológico iorubano, seu enredo está sempre ligado aos campos consagrados ao universo masculino, uma vez que é uma orixá que exibe-se nos campos de batalha, nas lutas heroicas, no trilho do perigo. Nada nela é medíocre. Iansã não é discreta, é dramática. É a orixá do arrebatamento.

No final da peça, Zora Seljan, reafirma o arquétipo vingativo de Iansan, sedenta por castigar seus opositores, a quem lhe traiu, o Carneiro é entregue ao Babalorixá para que seja imolado em sacrifício e toda a paz possa voltar ao reino dos humanos e dos deuses.

IANSAN – E pelos tempos afora, como lembranças do meu aborrecimento pelos delatores e traidores, proíbo aos homens e mulheres que se dediquem ao meu culto, de comer carne de carneiro, de sentar-se em banco feito com

- 3000 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

couro de um carneiro e de usar qualquer objeto fabricado com casco ou chifre dos carneiros.

BABALORIXÁ (Beijando-lhe a mão) – Assim seja!

TODOS – “Eparrei lansan! Kauô Kabiecile!”

E por última Obá, a esposa mais velha de Xangô, tem um temperamento apaixonante, é neurastênica e audaz, não tem medo de ninguém, mesmo mulher, é temida por sua força, muito enérgica, celebrada como mais forte que muitos orixás masculinos. Gosta de brigar. Muito misteriosa e tudo que está relacionada a ela é envolto a uma área de segredo. Tem em sua mão uma espada e um escudo pra atacar e se defender de seu oponente. Esta sempre na defensiva.

Sabia guerreira, anciã, amazona impávida, honrada sibila, poderosa. Defensora dos injustiçados. Ela é uma mulher de meia idade, sem grandes atrativos físicos, sem chame. Obá ignora o medo, não se acovarda diante de contratempos, de uma praticidade impar e muito leal. Obá é a pororoca, o encontro das águas do rio com a maré, uma enorme onda, um vagalhão que produz um barulho agressivo, esta metáfora marca o relacionamento eternamente bélico com sua irmã Oxum. Obá tem muito ciúme e rancor da preferência que Xangô manifesta pela companhia de Oxum.

É sob esta perspectiva arquetípica que a Dramaturgia de Zora Seljan se inicia ao contar o episódio mitológico que marca as duas orixás. Em apenas um ato Oxum leva Obá a se mutilar em nome do amor. A orixá mais velha, enciumada pelos encantos que Oxum lançava ao marido que elas dividiam, vai procurá-la para descobrir como agradá-lo também, porém Oxum sugere que ela cozinhe sua própria orelha para Xangô, como forma de sedução. Obá, desesperada, decepa sua própria orelha e serve ao seu esposo, que a repudia.

“OXUM – Deixa minha comida em paz, mana.

- 3001 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

OBÁ – (*debruçando sobre a panela*) – Parece uma rosa, parece uma nuvem do crepúsculo... Parece uma orelha de mulher!

OXUM – Não é nada disso.

OBÁ – É orelha, sim, tem até brinco de pérola!

Agora não podes escapar. Sou tua irmã primogênita e me deves obrigação. Conta o segredo!

OXUM – Pois bem, mana, já que és tão abelhuda...

OBÁ (*Interrompendo-a*) – ... é orelha, não é? Conta depressa!

OXUM – É minha orelha direita. Cortei-a e coloco-a sempre na comida. Deixo dar umas fervuras e guardo-a novamente dentro do sal, para não estragar. (ibidem, 1958, p.204)

Xangô ao receber a comida, vê o alguidar (tigela ritual), as mãos e por baixo do turbante de Obá banhados por sangue que lhe causa repulsa, esbraveja violentamente, Oxum que observa tudo de longe se aproxima da irmã mais velha e debocha de sua credulidade. Obá ingenuamente foi ludibriada por Oxum. Obá é a própria terra sentindo-se açoitada pela extração do ouro de Oxum.

OXUM – Descobristes muito bem o meu segredo.

OBÁ (*Avançando*) – Se eu te pegar, corto-te o pescoço.

OXUM (*Desviando-se*) – Queres um brinco para enfeitar a orelha cortada?

OBÁ (*Correndo para Oxum*) – Vou te dar uma argola de ferro e um colar de sangue! (Oxum sai do palco perseguida por Obá)

XANGÔ (*como se estivesse acordando do choque*) – Mulheres! Respeitai minha presença! (ibidem, 1958, p.206)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Obá tem uma personalidade muito obstinada, deslinda de causas quiméricas, ostenta um gênio difícil, ora velha queixosa ora intrépida amazona. Ela é sem vaidades e nem predicados. Obá é, sobretudo, uma guerreira, lutava simplesmente por guerrear. Obá é a própria guerra. Senhora dos segredos. Feminista por vocação, seus compromissos militantes são consequências de experiências desgostosas e dolorosas por ela saboreada. Sua agressividade torna-se incompreendida. Deste modo, de volta a peça para finaliza-la, após o episódio funesto entre a Yabá vaiososa e a Yabá aguerrida, temos a exaltação de Obá como grande vencedora de demandas, narra a investida desta orixá juntamente com seu exercito em uma batalha exaltando-a como grande comandante.

. “OBÁ (Levantando-se) – Uso espada de cobre, escudo de ferro e capacete de soldado. Vermelho e branco são as cores do meu estandarte. Amanhã cantarei os meus feitos no campo de batalha

Mas a guerra passa como ventania que estremece a serena bonança da vida. Chegará o tempo do vinho e da rosa. Borboleta que perdeu a asa jamais me será dada a palavra de amor ao pé do ouvido.” (ibidem, 1958, p.213)

Assim, finda as três peças que compõem a obra “Três mulheres de Xangô”, três mulheres, três possibilidades diferentes do mistério que o feminino a ser decifrado. três possibilidades de manifestação arquetípicas, três deusas. Um desvelar de emoções e vicissitudes da natureza feminina,

E por fim, peço *agô* (licença/obrigado em ioruba), a você meu leitor e a você meu ouvinte...

BIBLIOGRAFIA

- 3003 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

BRENTAN, C.C. Van Gogh: A luz que resplandece das trevas. In. MONTEIRO, D. da M.R. Arteterapia: Arquétipos e símbolos. Rio de Janeiro: Wak, 200

COELHO, N. N. "Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)". São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

JUNG, C.G. A natureza da psique. Obras Completas vol 8/2. Petrópolis: Vozes, 1985a.

_____. O espírito na arte na ciência. Obras Completas vol 15. Petrópolis: Vozes, 1985b.

MARTINS, S. "A dança de Yemamjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo". Salvador: EGBA, 2008.

NASCIMENTO, Jorge Luiz. "Da ponte pra cá: os territórios minados dos Racionais MCs". In: I Seminário Arte & Cidade. Salvador, BA: EDUFBA, 2006.

PRANDI, R. "Mitologia dos orixás". São Paulo: Companhia das Letras, 2001

SELJAN. Z. As três mulheres de Xangô e outras peças afro-brasileiras. 2 ed. São Paulo: Instituição Brasileira de difusão cultural, 1958

_____. "Terra de lenda fascina Zora". Rio de Janeiro: 1963. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 5 cad. 1. In, <http://docvirt.noip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=tematico&pagfis=50704&pesq=> acessado em 4/12/2015

SILVA, D. de M. e CALAÇA, M. C. F. "Arte africana e afro-brasileira". São Paulo: Terceira Margem, 2006.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

VERGER, P. "Notas sobre o culto aos orixás e voduns". 2.ed. São Paulo:
Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

- 3005 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG